

## SIMPÓSIO AT173

### POÉTICA E SUBJETIVIDADE NA CRIAÇÃO TEXTUAL/LITERÁRIA CLARICIANA: UMA LEITURA DO CONTO OS DESASTRES DE SOFIA

CABOCLO, Patricia de Souza  
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
patisouza.c@gmail.com

OLIVEIRA, Marta Francisco  
UFMS-PPGMEL - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
martisima@gmail.com

**Resumo:** Ao apresentar a poética e a linguagem clariciana no conto Os desastres de Sofia, buscaremos enfatizar, além da importância dessa escritora para a literatura brasileira em pleno século XXI, a complexidade textual de suas obras e sua conexão com o leitor e o fascínio criado a partir de uma linguagem subjetiva e própria, criando uma poética baseada em temas cotidianos, muitas vezes despercebidos, mas que carregam profundas reflexões e a percepção de uma autoficcionalização. Em sua escrita se notam a originalidade e o estranhamento, pois o uso da linguagem ultrapassa conceitos básicos de comunicabilidade, abarcando o poético e as possibilidades discursivas. Destacaremos o papel do leitor na atualização do texto, estabelecendo a distinção entre um texto de caráter ficcional/literário e um texto biográfico/confessional, visto poder rastrear os traços biográficos nas obras de Clarice Lispector, que são, entretanto, ficcionais. A análise do conto abarcará aspectos que revelam o movimento mimético (Auerbach) da própria escritora em direção à escrita, representada metaforicamente através da personagem Sofia. Do ponto de vista da atualização do conto, propomos repensar a construção discursiva das relações apresentadas entre professor, aluna e o espaço escolar, em um contexto mais amplo, através da leitura baseada em Bakhtin, Bauman e Candido, entre outros. A leitura da literatura clariciana pode expandir o diálogo acerca da experiência humana, centralizando nossa observação nas relações discursivas e linguísticas.

**Palavras-chave:** autoficção; estranhamento; linguagens; poética clariciana.

**Abstract:** By presenting the Clarician poetics and the language in The Sophia's Disasters story, We seek to emphasize, besides the importance of this writer for the Brazilian Literature in the XXI century, the textual complexity of its works and its connection with the reader and the fascination created from a subjective and proper language, creating poetics based on everyday themes, often unnoticed, but which carry deep reflections and the perception of a self-fictionalization. Her writing notes originality and strangeness, because the use of language goes beyond basic concepts of communicability, encompassing the poetic and discursive possibilities. We will highlight the reader's role in updating the text, establishing a distinction between a fictional /

literary text and a biographical / confessional text, since it can trace the biographical features in the Clarice Lispector's literary works, which are fictional anyway. The analysis of the story will cover aspects that reveal the mimetic movement (Auerbach) of the writer herself towards writing, represented metaphorically by the character Sofia. From the point of view of the updating of the story, we propose to rethink the discursive construction of the relations presented between teacher, pupil and school space, in a broader context, through reading based on Bakhtin, Bauman and Candido, among others. The Clarician literature readings can expand the dialogue about the human experience, centralizing our observation in the discursive and linguistic relations.

**Keywords:** autofiction; strangeness; languages; clarician poetics.

## Introdução

Ao tratar de poética e subjetividade na criação textual/literária clariciana, buscaremos ressaltar a importância da escritora que, mesmo após mais de 40 anos de sua morte, sua obra continua despertando curiosidades, fascínio e tem sido estudada e admirada ; sua originalidade é evidente, e destacaremos o estranhamento como característica fundamental de sua escrita.

Ressaltamos a percepção de uma autoficcionalização, ou seja, a presença de traços biográficos nas obras de Clarice Lispector; para melhor entendê-la, estabelecemos a diferenciação entre um texto ficcional/literário e um texto biográfico/confessional, escrita que Clarice não desenvolveu, elaborando apenas ficção. Ademais, buscaremos entender o movimento mimético pressentido na relação da escritora com a escrita, metaforizado pela personagem de Os desastres de Sofia. Verificamos que é preciso um leitor atento e ativo para se deparar com a escrita clariciana tão rica em reflexões e significações para além do escrito, um 'mundo' de possibilidades e descobertas, múltiplas interpretações e expectativas.

### 1. Importância da escritora

Alfredo Bosi escreveu que “os analistas à caça de estruturas não deixarão tão cedo em paz os textos complexos e abstratos de Clarice Lispector que parecem às vezes escritos adrede para provocar esse gênero de deleitação crítica”. (2013, p.452). De fato, é preciso tentar desvendar o mistério por trás de sua escrita.

Ao falar do ato de escrever de Clarice, Olga Borelli relata:

Sua memória era fotográfica, instantânea, registrando ininterruptamente tudo. Assim, o mais vulgar movimento do mundo, como um simples estender de mão esmolando, ou o regaçar de uma calça expondo uma ferida, juntavam-se em sua mente a mil outros fragmentos de visões, até o momento em que, diante da máquina de escrever, ‘via’ nitidamente, por exemplo, um conto inteiro, acabado e pronto a partir de uma dessas imagens. (BORELLI, 1981 p.70)

Clarice demonstra excelente capacidade de observação para além do que meramente aparecia aos olhos em coisas cotidianas simples, experiências instantâneas e espontâneas, e os utiliza em seus textos, imprimindo sua marca pessoal, ou seja, rastros de sua própria vida. Como resultado, o texto é rico, profundo, e belo, o que demonstra sua importância na literatura brasileira.

## 2. Estranhamento

Alguns pesquisadores já descreveram o efeito do estranhamento na literatura de Lispector. O estranho seria o de fora, como um estrangeiro. Esse olhar estrangeiro para as coisas pode ser também o olhar do espanto, e a própria Clarice foi considerada ‘estranha’ e estrangeira por pessoas do seu convívio. Em suas obras, o estranhamento parece um efeito fundamental. A escritora não segue um padrão pré-estabelecido das obras, como começo, meio e fim, mas perde-se, por assim dizer, em um enredo de considerações e reflexões profundamente humanas. Em alguns aspectos, o olhar diferenciado para o corriqueiro se concentra no exato instante de percepção do estranho. É o estranho que chama a atenção, que desperta curiosidade e até o fascínio dos leitores por suas obras, a busca de desvendar o mistério da escrita tecida com detalhes que impressionam. E, em muitos casos, aspectos da vida e da experiência da autora são inseridos nesse tecido textual ficcional.

## 3. Autoficcionalização: Texto ficcional/literário X Texto biográfico/confessional

Eneida Maria de Souza, estudiosa a respeito da crítica biográfica, diz que é possível rastrear traços biográficos dentro de textos:

Os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido. Os grandes temas existenciais da literatura como a cegueira, o suicídio, a morte, o amor, guardam sua natureza ficcional e se espriam na página aberta do espaço textual e nos interstícios criados pelo jogo ambivalente da arte e do referente biográfico. Ao se considerar a vida como texto e as suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica era certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção. (SOUZA, 2002, p.113)

Percebemos nos textos de Clarice esses traços biográficos, fatos do cotidiano, de experiências e lembranças de sua infância, de certa forma preentes em sua biografia. Mas são ficcionalizados, tratados literariamente, não uma descrição ou confissão de eventos e sentimentos realmente experienciados ou recordados, em um exercício de memória. No conto Os desastres de Sofia, a personagem mimetiza uma trajetória que podia ser a de Clarice na descoberta de sua escrita. Trata-se de uma ficcionalização de um ato ou fato pautado no real, mas que não busca sua representação ou rememoração.

Assim, no confronto entre ficcional, literário, e confessional/biográfico, o autor de biografias relata em seus textos experiências e fatos da própria vida. Bakhtin explica sobre os valores artísticos, destacando o biográfico, segundo ele: “o valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também o vivenciamento da própria vida e a narração sobre a vida” (BAKTIN, 2003, p.139). Ele reforça: “Na biografia o autor é ingênuo, está ligado à personagem por relação de parentesco, os dois podem trocar de lugar (daí a possibilidade de coincidência pessoal na vida, isto é, a possibilidade autobiográfica).” (BAKHTIN, 2003, p.150). A biografia é essa possibilidade do encontro de relatos da vida pessoal, essa coincidência, essa forte relação entre autor e personagem, que Bakhtin chama de parentesco, pela possibilidade de troca de lugar ao falar da vida, ao misturar vida do personagem com vida do autor. Ressaltamos: Clarice Lispector não faz relatos confessionais ou

biográficos; sua escrita aborda outro nível de utilização de dados do vivido para compor o tecido do narrado, como autoficção, com plena liberdade criativa. Nossa intenção, portanto, é estabelecer a diferença entre estes tipos de relato.

#### **4. O conto *Os desastres de Sofia***

Analisando o conto *Os desastres de Sofia*, notamos a presença de elementos como intertextualidade, paradoxos e reflexões, exigindo um leitor atento e ativo. Este irá se deparar com um 'mundo' de possibilidades e descobertas, múltiplas interpretações e expectativas. O conto foi publicado em 1964 e em 1971, em duas obras distintas da autora (ROEFERO, 2008), algo usual porque Clarice costumava recompilar seus textos em várias publicações diferentes.

O conto mostra a Sofia adulta que, ao saber da morte de um professor que marcou sua vida, recorda suas aulas quando tinha apenas 9 anos de idade e como o provocava; lembra-se do encorajamento e incentivo que este professor proporcionou a ela, e a morte dele foi o maior desastre da vida de Sofia, fazendo referência ao título. Além disso, *Sofia* faz referência ao livro *Les Malheurs de Sophie*, escrito pela Condessa de Ségur no século, pelo título homônimo (ROEFERO, 2008). No livro da Condessa, Sophie também é uma criança muito travessa, mas não se compara a Sofia, que está em busca da construção de si mesma, buscando verdades e explorando os prazeres da vida.

Podemos relacionar Sofia com a personagem Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, romance de estreia de Clarice: observando a infância de Joana, as personalidades revelam pontos semelhantes, inclusive a conexão com a escrita, mas há dois tempos distintos, e de repente nos deparamos com a personagem adulta. Por exemplo, ainda menina conversa com o pai: “— Papai, inventei uma poesia. — Como é o nome? — Eu e o sol. — Sem esperar muito recitou: — “As galinhas que estão no quintal já comeram duas minhocas mas eu não vi.” [...]. (CLARICE, 1998, p. 6). Joana, assim como Sofia, é oposta à ideia de obediência às regras, ao convencional, ao esperado. Quando a

personagem rouba um livro: “— Eu roubei o livro, não é isso? (...). — Sim, roubei porque quis. Só roubarei quando quiser. Não faz mal nenhum” (CLARICE, 1998, p. 27), já demonstra uma reflexão distinta acerca das relações, e se sobressai a relação com a escrita. O resultado é mais profundo do que um mero ato de transgressão ou uma questão de valores em construção na menina ou estabelecidos na mulher, porque expõe o ser em sua conflituosa relação consigo mesmo.

Também a narrativa do conto *Os desastres de Sofia* mescla dois tempos, presente e passado. Há a ausência de nomes próprios, os personagens são Sofia, cujo nome aparece apenas no título, narradora, e o professor. A personagem não é estática e, como narra a própria história, a história de si mesma, dá uma significação nova a seu passado a partir de outra perspectiva. A ideia de paixão de Sofia revela aspectos da personagem; “o professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano.” (CLARICE, 1998, p. 98). A menina o provoca com frequência, atrapalhando o andamento da aula: “passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho: - Cale-se ou expulso a senhora da sala.” (CLARICE, 1998, p.98)

Há um fascínio pelo professor diferente, e seu olhar se volta para este não convencional. Sofia quer chamar atenção e se sente triunfante quando consegue, através de provocação e mal comportamento. Revela a curiosidade de criança em querer descobrir os mistérios daquele homem; por vê-lo infeliz na profissão, queria ajudá-lo, tornando-se uma anti-heroína no conto: “não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.” (CLARICE, 1998, p. 98).

Clarice cria uma intertextualidade com o conto de fadas de *Chapeuzinho vermelho* de Charles Perrault:

Para que te servem essas unhas longas? Para te arranhar de morte e para arrancar os teus espinhos mortais, responde o lobo do homem. Para que te serve essa cruel boca de fome? Para te morder e para soprar a fim de que eu não te doa demais, meu amor, já que tenho que te doer, eu sou o lobo inevitável pois a vida me foi dada. Para que te servem essas mãos que ardem e prendem? Para ficarmos de mãos dadas, pois preciso tanto, tanto, tanto - uivaram os lobos, e olharam intimidados as próprias garras antes de se aconchegarem um no outro para amar e dormir. (LISPECTOR, 1998, p. 116)

Os papéis estão invertidos; Sofia não é ingênua, mas uma menina cheia de desejos, revelando seus instintos, ao passo que o professor é o forte de ombros caídos, inofensivo apesar de tudo, necessitando ajuda. Em ambos, no entanto, o desejo, ou necessidade de ser amados, está presente, embora de modos distintos. E há a permanência, a percepção do outro tempos depois, apesar da morte, num jogo entre as circunstâncias de uma vez menosprezado e outra exaltado. Pensando a atualidade, podemos observar os efeitos da relação descrita no conto, e perceber como se perpetua, pois Zygmund Bauman afirma que, apesar do ambiente líquido moderno, educação e aprendizagem podem ser contínuas e durar a vida toda (BAUMAN, 2009).

Clarice não segue um modelo mimético, pautado no realismo (AUERBACH, 2001), pois não busca a construção dos textos através da realidade aparente e descrição de fatos. O foco está nas relações que afetam o ser humano. Neste respeito, percebe-se a intensa relação literatura-sociedade, vida social, e como a personagem de ficção nos revela a realidade sensível construída ficcionalmente.

Portanto, o texto clariciano revela um esforço criativo que rompe com as expectativas, ao passo que redesenha, mimeticamente, a subjetividade poética da escritora, sutilmente percebido em Sofia. A estética de sua criação continua sendo, sem dúvida, um convite à reflexão profunda acerca do humano, tornando o texto clariciano essencial na formação do leitor brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo – SP. Editora Perspectiva. 2001. 4<sup>o</sup> edição.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4º ed. – São Paulo: Martins Fontes. 2003. – (Coleção biblioteca universal).

BAUMAN, Zygmund. **Entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. [maio/ago., 2009]. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137. Entrevista concedida a Alba Porcheddu, com tradução de Neide Luzia de Rezende e Marcello Bulgarelli.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1981.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. [49. ed.] – São Paulo: Cultrix, 2013.

CÂNDIDO, Antonio. et al. **A personagem ficção**. São Paulo: Perspectiva. 2009. (Coleção debates; l/dirigida por J. Guinsburg)

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTERO, Teresa. **Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Entrevista com Zigmund Bauman**. Revista Tempo Social – USP. 2004. v. 16. n. 1. p. 301-325.

ROEFERO, Élcio Luís. **Infância e perversidade em Clarice Lispector ou do anseio por uma vaga salvação**. Kalíope, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 67-81, jul./dez., 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/viewFile/3818/2488>>. Acesso em 05. Set. 2018.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 169 p. – (Humanista)